

# historia: fronteiras



**Vol. II**

Eunice Nodari  
Joana Maria Pedro  
Zilda M. Gricoli Iokoi  
(organizadoras)

Volume II



# História: Fronteiras

XX Simpósio Nacional da ANPUH

Florianópolis-SC

Julho de 1999

ANPUH

*Humanitas*  
FFLCH/USP

1999

---

# FRONTEIRAS MATERIAIS E IMAGINÁRIAS NO MAPA-MUNDI DE HENRIQUE DE MOGÚNCIA\*

---

Maria Eurydice de Barros Ribeiro  
*Universidade de Brasília*

**D**o ponto de vista cartográfico e geográfico, a evolução dos mapas-mundi na Idade Média fez-se de forma bastante lenta, se considerarmos os aspectos técnicos da cartografia e geografia modernas. Uma leitura iconográfica, todavia, indica que a evolução da carta T. O. é muito mais complexa, pois traduz não apenas o estágio dos conhecimentos geográficos dos contemporâneos, mas, também, o sistema de crenças sobre o qual se apoiava a sociedade medieval. Nesse contexto, embora desde o século XIII os portulanos já indicassem a existência de rotas mais precisas, um descompasso importante estabeleceu-se entre os mapas marítimos e os mapas-mundi. Inicialmente, as indicações dos primeiros não produziram o menor impacto sobre os segundos. Somente a partir do século XIV, atendendo aos interesses mercantis e políticos dos soberanos, os mapas-mundi começaram a determinar, com maior clareza, os contornos da Europa, da África e da Ásia, sem deixar, todavia, de representar o discurso bíblico.

É evidente que este descompasso reproduz um outro, que separa os autores dos portulanos dos autores dos mapas-mundi. Enquanto os primeiros são cartógrafos a serviço de grupos mercantis ou dos soberanos, os segundos são monges imbuídos de erudição escolástica, a quem os ecos da cartografia náutica não parecem ter alcançado. Desenhados no interior das catedrais, os mapas-mundi desempenharam uma função diferente das dos portulanos, cuja natureza prática consistia em fornecer os roteiros marítimos, indicando as rotas comerciais do mundo externo. Os mapas-mundi, por sua vez, possuíam uma função pedagógica

específica “resumindo visualmente” alguns temas caros aos teólogos da época. Concomitantemente à representação que faziam dos reinos dos soberanos que governavam a Terra, os monges representavam, igualmente, os reinos de Deus e Satã, tornando claro que eles também “são realidades localizáveis que se inscrevem no quadro de uma geografia do Além que prolonga, de uma certa maneira, a geografia terrena integrada a um mesmo cosmo e a uma mesma história”<sup>1</sup>.

O mapa-mundi elaborado por Henrique de Mogúncia e dedicado ao imperador Henrique V é precedido por uma transcrição do *De Imagine Mundi* de Honório de Autum. Datado do século XII, o original da carta encontra-se atualmente no *Corpus Christi College* em Cambridge<sup>2</sup>. O volume em que se encontra o mapa-mundi reúne vários tratados encadernados. A imagem do mundo vem em primeiro plano. Logo abaixo, encontra-se o sumário que se inicia pelas palavras *De forma mundi*. A representação do mundo de Henrique de Mogúncia obedece as mesmas concepções cartográficas dos mapas-mundi que o procedem. No Oriente, indicado no alto da carta, localiza-se o Paraíso Terrestre, no centro, situa-se Jerusalém. Nos quatro cantos da carta encontram-se quatro anjos cujas cores e gestos correspondem a uma simbologia própria. A representação da Europa, Ásia e África obedecem aos ensinamentos da geografia antiga. Na extremidade oriental da África, ao sul, encontra-se uma grande montanha vermelha. Em seguida, aparece a Líbia, cujos limites são indicados pelas linhas que a separam do território situado a oeste, no qual corre um rio, *Lectonius fluvius* ou *Lecthon infern*.

Embora no século XIII tenha ocorrido uma intensa proliferação de mapas-mundi – que encontram na diversidade dos manuscritos as mais diversas dimensões, inserindo-se, desta forma, no importante momento intelectual vivido no interior dos mosteiros e catedrais –, do ponto de vista cartográfico, este século se fez herdeiro dos séculos anteriores. Neste sentido, o mapa-mundi de Mogúncia servirá de modelo aos célebres mapas de Ebstorf e Hereford, estendendo sua influência até a segunda metade do século XIV, assegurando continuidade e longa duração às representações.

Destruído pelo bombardeio de Hanover ocorrido em 1943, o mapa-mundi de Ebstorf<sup>3</sup> é considerado o maior mapa conhecido. Sua data é ainda discutida pelos especialistas, cujas opiniões variam entre 1213 e 1273. Armin Wolf, em estudo datado de 1987<sup>4</sup>, situa-o por volta de 1239. Possuindo três metros e meio, composto de trinta folhas de pergaminho, a monumental carta possuía forma circular e distinguia-se das anteriores pela variedade de suas cores (16 matizes na versão original). A orientação do mapa se faz, como na maioria dos mapas medievais, para o Oriente, onde se situa, após a Índia, o Paraíso. Uma cruz, prolongada até as margens da imagem cartográfica, representa o próprio Cristo crucificado. Contrariamente aos anjos de Mogúncia, que se encontram no exterior do círculo representando o mundo, o Cristo de Ebstorf localiza-se em seu interior. Mãos e pés crucificados.

O mapa-mundi da catedral de Hereford, na Inglaterra<sup>5</sup>, traz uma representação do Inferno em cena do Julgamento Final. Sua época é fixada no final do século XIII ou início do século XIV. O Julgamento Final encontra-se representado fora dos limites do círculo que compõe a carta. O Paraíso terrestre situa-se na extremidade oriental, ocupando uma ilha inacessível, fortificada por uma muralha na qual se encontra uma porta. À esquerda, Adão e Eva são expulsos do paraíso por um anjo. À nomenclatura grega utilizada na nomeação das montanhas mistura-se a geografia sagrada, que indica no centro Jerusalém, *Civitas Ierusalem*, tendo no seu interior o Cristo crucificado. Mais ao sul, uma importante cadeia de montanhas, tal como em Mogúncia, serve de fronteira com o território norte-africano. Mais para o sul ainda, corre um longo rio, cuja legenda diz se tratar do rio dos lugares infernais.

A persistência deste sistema de representação se estenderá ainda aos séculos XIV e XV. Exemplos marcantes são os mapa-mundi que se encontram no *Policronicom* de Ranulphus Hygden<sup>6</sup>, composto na primeira metade do século XIV, e o mapa-mundi de Andrea Bianco<sup>7</sup>, datado da primeira metade do século XV. Ranulphus Hygden, cronista cisterciense, não foi o desenhista da crônica concluída em 1357. Mais de 400 nomes e legendas indicam os lugares da geografia real que se confundem com a

geografia bíblica e com as fontes gregas. No alto, a leste, segundo a orientação dada pela carta, encontra-se a previsível indicação do Paraíso terrestre. O desenhista situa a Sicília no Mediterrâneo e, dando-lhe a maior dimensão com relação às outras ilhas, indica na legenda: na Sicília encontra-se o monte Etna que contém o Inferno. O mapa-mundi de Andrea Bianco, concluído em 1436, pertence ao conjunto de dez mapas que formam o portulano que traz o nome do autor. Trata-se de uma bela carta colorida na qual os continentes, pintados de diferentes cores, sobressaem-se do fundo verde que tingem os oceanos. Na extremidade oriental do mapa, Bianco localiza o Paraíso terrestre. O Paraíso de Bianco encontra-se no interior da carta, bem protegido por uma espessa muralha de três torres. A rica carta de Andrea Bianco apresenta uma forte recorrência simbólica ao século XII traduzida não somente na representação iconográfica da fortaleza que defende o Paraíso, mas também na representação da paisagem. Ao sul da África, o cartógrafo desenhou uma grande baía, na qual colocou dois dragões. Na legenda é possível ler: *Nidus Abimalion*. Em frente a este ninho de dragões encontra-se uma ilha, na qual um homem aparece dependurado. As demais indicações geográficas fornecidas pelo autor – vizinhança da ilha equinocial, extremidade do mundo – permitem identificar o personagem como Judas. Bianco inspirou-se, certamente, na viagem de São Brandão. No contexto cultural e cartográfico da época, o mapa-mundi de Henrique de Mogúncia tem um papel particular, pois nos mapas que o antecederam<sup>8</sup> não se visualizou nenhuma localização do inferno. Não obstante, os mapas-mundi de Ebstof, Hereford e de Ranulphus, aos quais fiz referência e que lhe são posteriores, repetem fielmente a representação do rio do inferno, inspirando-se claramente na carta de Henrique de Mogúncia. Este, por sua vez, ao se referir ao seu mapa-mundi, identifica-o como “representação do mundo, figurado por Henrique, cônego da Igreja de Santa Maria da cidade de Mogúncia, das coisas naturais, dos imperadores, dos reinados, dos reis e dos papas até o imperador Henrique, filho de Henrique”. Portanto, é recorrendo à figuração visível que Henrique leva o conhecimento do mundo ao imperador. Ilustrando o *De Universo* de Honório de Autun, a narrativa

elaborada pela figuração organiza o espaço, determinando suas fronteiras naturais e sobrenaturais, e o tempo. O tempo histórico, tempo passado dos acontecimentos terrestres e o tempo escatológico, tempo futuro, da vida pós-morte.

A localização do lugar infernal na carta é caracterizada pela geografia física e hidrográfica da região. A legenda *Lectonius fluvius* ou *Lecthon infern* não deixa dúvidas quanto ao rio. É o mesmo rio que se repete em Ebstorf, situando o inferno num símbolo evidente ao lado da mão esquerda do Cristo crucificado que delinea a carta. A mesma indicação se repete em Hereford, cuja legenda, alusiva ao Julgamento Final localizado acima, no exterior da carta, diz: “Este rio é ao que se pode crer, o rio dos lugares infernais, porque ele corre para o mar, após ter descido das montanhas de onde se diz que se abre a boca do inferno”. Na representação do Julgamento Final, fixado no exterior da carta, o grande monstro com a boca escancarada está pronto para devorar os condenados. A cena é praticamente a mesma que se tornou célebre nos portais das catedrais dos séculos XII e XIII.

O mapa-mundi de Ranulphus Hygden e o de Andrea Bianco são exemplos marcantes da longa duração expressa na representação da geografia do Além nos mapas medievais do final da Idade Média. Datados, respectivamente, dos séculos XIV e XV, no primeiro o desenhista da crônica situa o Inferno no monte Etna na Sicília. No segundo, o cartógrafo desenhou uma grande baía, com dois dragões em frente da qual, numa ilha, representou o próprio Judas.

Datado da primeira metade do século XII, o mapa-mundi de Mogúncia, que serviu de modelo aos mapas posteriores, identifica claramente o rio dos lugares infernais. A carta, conforme indiquei, precede uma transcrição do *De Imagine Mundi* de Honório de Autun que, dentre outros temas, trata do Inferno. A representação do Inferno, a despeito de todos os limites impostos pelas fontes, encontra apoio no próprio texto. Honório de Autun é, na época, uma das maiores autoridades na matéria infernal. Enquadrando-se na tradição agostiniana quanto à aplicação das penas, Honório se pergunta se o fogo eterno será neste mundo ou fora dele, o que permite pensar em uma certa localização

do Inferno e, logo, na sua materialização. O rio do Inferno, todavia, não conta com o apoio do discurso teológico. Nem Agostinho, nem Gregório fazem referência a um rio. A rigor, não é possível distinguir uma paisagem do lugar infernal no discurso de ambos. Até mesmo do ponto de vista etimológico, enquanto Gregório utiliza o termo *infernus*, Agostinho prefere a expressão bíblica *gehenna*, designando o “lago de fogo e de enxofre”, *At Vero Gehenna illa, quod etiam stagnum ignis et sulphuris*<sup>9</sup>.

O rio do Inferno que se repete, segundo o modelo de Mogúncia, nas cartas de Ebstorf e de Hereford tem como fonte, sem dúvida, a Visão de Paulo<sup>10</sup>, que ao longo da Idade Média conheceu uma reconhecida divulgação.

Contrastando com o discurso teológico, a *Visio Pauli* é rico em detalhes. Em sua versão longa, L 1<sup>11</sup>, ela localiza e descreve o lugar infernal:

Eu parti com o anjo ( diz Paulo ) e ele me transportou em direção ao por do sol, e eu vi o início do céu repousando sobre um grande rio líquido. E eu interroguei: “o que é este rio líquido?” Ele me disse: é o oceano que cerca toda a terra , e quando nós fomos no exterior do oceano, eu olhei e não havia luz nesse lugar, mas trevas, tristeza e aflição e eu suspirei. E eu vi lá um rio de fogo fervendo<sup>12</sup>.

O rio de fogo é citado ao longo da descrição que Paulo faz do inferno transformando-se, por excelência, na representação iconográfica que toma forma na cartografia medieval dos séculos XII ao XV. O modelo de Henrique de Mogúncia que o situa na extremidade oriental da África é repetido pelos autores das cartas murais de Ebstorf e Hereford.

Ranulphus Hygden todavia, distancia-se do texto apócrifo e representa o inferno, não como um rio, mas como um vulcão. Com efeito, a lenda que situa a Sicília no Mediterrâneo afirma ainda que nela se encontra o monte Etna, que por sua vez contém o inferno. A associação dos vulcões que expelem fogo das entranhas da Terra com o inferno foi comum na Idade Média. Agostinho, procurando exemplos na natureza para provar que o fogo queima sem consumir, o que justificaria a alma sofrer os tormentos eternos do inferno sem perder sua integridade, refe-

re-se ao Etna na Sicília. Agostinho, no entanto, não está preocupado nem em situar, nem em caracterizar o inferno. Ranulphus de Hygden utilizou como fonte os escritores da Antigüidade latina que ele próprio enumera. Um rio, montanhas e vulcões são elementos da geografia aos quais os monges desenhistas recorrem para identificarem em seus mapas o território do inferno. São fronteiras naturais que delimitam o território do sobrenatural. O rio de fogo fervente é, sem dúvida, o elemento onipresente. Ele atravessa o território do inferno e foi celebrizado juntamente com a montanha ardente pelos monges desenhistas de Mogúncia, Ebstorf, Hereford e Hygden.

Considerando a riqueza iconográfica que os mapas-mundi medievais passaram a exibir, sobretudo a partir da segunda metade do século XII, a representação da imagem infernal poderia ser considerada inexpressiva. Se esta pobreza iconográfica se revela em sintonia com o discurso teológico, que não autoriza a representação do território do Além, em contrapartida, contrasta com a literatura apócrifa e as viagens ao Além que oferecem indicações abundantes. Foram estas fontes que os monges desenhistas recorreram para representar os poucos elementos paisagísticos do inferno: um rio e montanhas.

Não se deve, a meu ver, buscar os elementos condicionantes da imagem apenas no texto escrito. Embora a natureza do manuscrito tenda a condicionar a imagem, outros fatores, parece-me, devem ser considerados. Refiro-me, em primeiro lugar, à inexistência de uma pintura da paisagem na expressão moderna da palavra na Idade Média. Poder-se-ia, preferencialmente, fazer referência a uma representação simbólica da paisagem que na sociedade medieval se transforma em um dos veículos de expressão do cristianismo. Do século XII ao XV a concepção do desenho cartográfico não se modificou, conforme se pode ver na recorrência dos símbolos transmitidos pela iconografia dos mapas-mundi. As cartas medievais remetem às informações contidas nas cartas anteriores, constituindo um recurso de memória que alimentou o conhecimento medieval fundamentado na visão e na repetição. Os símbolos, portanto, codificam-se a partir de determinadas necessidades. Aos poucos, pretendia-se alcan-

çar uma realidade que adquiriria uma força cada vez maior: o desejo de salvação e sua vinculação com o Julgamento Final. É neste contexto sócio-religioso que os territórios do Além delimitam suas fronteiras na cartografia medieval.

## NOTAS

\*Este trabalho resulta de uma pesquisa que se encontra em andamento acerca da representação do espaço na cartografia medieval, em especial, nos mapas-mundi. Retomei e aprofundei aqui alguns aspectos indicados anteriormente, no II E.I.E.M. realizado em Porto Alegre em 1997, cujas atas não foram publicadas.

<sup>1</sup>LECOQ, Danielle. "La Mappede monde De Arca de Noe Mística de Hughes de Saint Victor (1128-1129)". In *Géographie du monde au Moyen Âge et à la Renaissance*. Ed. Du Comité des Travaux Historiques et Scientifique, 1989, p. 19.

<sup>2</sup>Mapa-mundi de Henrique de Mogúncia dedicado ao imperador da Alemanha Henrique V. O original encontra-se em Cambridge, *Corpus Christi College*, ms. 66, Fol. 02. Fac-símile *Atlas de Santarém*, prancha XIV, Paris, Biblioteca Nacional.

<sup>3</sup>Mapa de Ebstorf. In PELLETIER, Monique. *op.cit.*

<sup>4</sup>Segundo Armin Wolf o texto mais recente utilizado pelo autor do mapa-mundi foi as *Otia Imperialia* dedicado ao imperador Othon de Brunswick em 1214/1215. Em conferência realizada em Paris (1987), Wolf demonstrou que o autor do mapa-mundi seria, igualmente, Gervais de Tilbury. WOLF, Armin. "News on the Ebstorf Map.: date, origin, autorship". In PELLETIER, Monique. *op. cit.*, p. 51.

<sup>5</sup>Mapa-mundi da catedral de Hereford, de autoria de Richard de Haldingham. Fac-símile, F. T. Havergal, 1869, Paris, Biblioteca Nacional.

<sup>6</sup>Mapa-mundi que se encontra no Manuscrito do *Policronicom* de Ranulphus de Hygden. Fac-símile, Atlas de Santarém, prancha IX, nº 02, Paris, Biblioteca Nacional.

<sup>7</sup>Mapa-mundi de Andrea Bianco. Facsímile, *Atlas de Santarém*, prancha XXXVIII, Paris, Biblioteca Nacional.

<sup>8</sup>A pesquisa realizada na Biblioteca Nacional de Paris levantou trinta mapas.

<sup>9</sup>Livro XXI, X.

<sup>10</sup>O *Apocalipse* de Paulo ou *Visio Pauli* nos manuscritos medievais nos foi conservada na sua versão latina longa, L1, por dois manuscritos. O nouv. Acq. Lat1 1631 da Biblioteca Nacional de Paris, F1, e 317 da Biblioteca Vadiana de Saint-Gall, S.G., 9, Claude Carozzi editou ambos os manuscritos em trabalho de grande rigor crítico intitulado *Eschatologie et au-délà. Recherches sur l'Apocalipse de Paul*. Aix-en-Provence, 1994.

<sup>11</sup>L1. In CAROZZI, Claude. *op cit.*

<sup>12</sup>*Idem*, p. 186.